

A SEDUÇÃO DAS AMÉRICAS

Viagem e livro foram experiências correlatas para muitos europeus que atravessaram o Atlântico. No passado, sobretudo, a viagem significava as expectativas que cercam o deslocamento, as peripécias enfrentadas e as reações subjetivas em face do novo. Quanto ao livro, transcrevia o vivido sob forma de diário, memórias, narrativa, descrição erudita. Mas a imagem que se vai construindo, na aventura americana, não corresponde ao fato em si, e sim à dialética entre o que se espera ver e o que se vê, daí resultando em suas manifestações extremas, a frustração ou a exaltação.

Dois viajantes franceses do século XIX, entre tantos de várias nacionalidades que empreenderam a reinvenção/redescoberta do Novo Mundo, desde o Renascimento, retêm particularmente a atenção. São eles François-René de Chateaubriand e Ferdinand Denis. Diversamente motivados, distanciados no tempo por mais de vinte anos (1791 para a viagem do primeiro, 1816 para a do segundo), perseguindo itinerários diferentes, um na América do Norte, outro no Brasil - acabam por reunir-se ao desempenharem papel semelhante no período de formação da literatura brasileira. A visão expressa em seus livros iria, por isso mesmo, intervir na tomada de consciência face ao momento histórico nacional.

Chateaubriand (1768-1848) decide partir para os Estados Unidos com dois objetivos confessos. Explica, em um dos prefácios de *Atala*, que pretendia escrever uma epopéia do homem natural, à maneira de Homero e, para tanto, sentiu necessidade de conhecer os povos americanos. Por outro lado, pensava dar uma finalidade útil à viagem: descobrir a noroeste da costa americana, uma passagem entre os oceanos (1968, p.16). Podem-se acrescentar a esses motivos pelo menos outros dois significativos: o exílio como tentativa para escapar à agitação revolucionária e o interesse comercial (1969, p.599-600).

De todos os declarados ou possíveis projetos, pouco se concretizou. Ao regressar, Chateaubriand trazia apenas alguns manuscritos que, provavelmente, deixou na Bretanha com a família. Não enriqueceu, não escapou à tormenta da revolução, não realizou a ousada e pretensiosa exploração do território americano. Seu percurso real ficou muito a dever àquele do desígnio inicial. Em lugar de cruzar os Estados Unidos e subir pela costa oeste, limitou-se aos Grandes Lagos, Pittsburg, Filadélfia e Boston.

Literariamente, porém, os resultados obtidos foram um dos pilares de sua obra. O chamado ciclo americano desdobrar-se-ia no *Génie du christianisme* (1802), livro de defesa da religião, que é também uma poética; em um relato de viagem, *Voyage en Amérique* (1827); em mais um conjunto de obras romanescas, *Atala* (1801), *René* (1802), *Les Natchez*

(1826), sem esquecer *Mémoires d'outre-tombe*, monumental biografia de uma vida e uma época (1848-1850).

A imagem da América que se delineia nesses livros é ambígua. Reflete uma decepção primeira. Tendo saído à procura do homem natural e de uma civilização jovem e vigorosa, o choque da realidade já se produz desde o desembarque, simbolizado, em *Mémoires d'outre-tombe*, pela cena em que Chateaubriand presenteia com um lenço de seda a jovem vendedora africana de quem comprara provisões. A terra da liberdade se oferecia ao visitante europeu sob as vestes de uma escrava (Chateaubriand, 1991, I, p.217).

A situação social e política também desilude um republicano ingênuo, formado na tradição do século XVIII. Não são os austeros costumes romanos o que o espera. Depara antes com o luxo, a frivolidade, a desigualdade social, a imoralidade do jogo, o bulício das casas de espetáculo. O regime de governo revelava-se, aparentemente, pouco apto a sanar os males da civilização (Chateaubriand, 1991, I, p.220).

O contato com os selvagens não foi mais promissor: os iroqueses que conhece entre Albany e as cataratas do Niagara estão pintados como bruxos, seminus, têm orelhas cortadas, usam penas na cabeça e anéis no nariz. Pior ainda, recebem aulas de danças européias de um francês, empoadado e frisado, caricatura de professor, pago com peles de castor e presunto de urso.

N'était-ce pas une chose accablante pour un disciple de Rousseau, que cette introduction à la vie sauvage par un bal que l'ancien marmiton du général Rochambeau donnait à des Iroquois? J'avais grande envie de rire, mais j'étais cruellement humilié (Chateaubriand, 1991, I, p.232).

Só não o desilude a natureza. A floresta virgem compensa as decepções. Chateaubriand sente-se revestido de seus “direitos originais”. Sozinho diante desse universo, o futuro escritor vive a emoção que, mais tarde, iria transparecer em várias passagens do *Génie* e, significativamente, naquela em que decreta o fim dos deuses gregos em nome da poesia cristã: “Que la mythologie rapetissait la nature” (1966, p.313-316). Na paisagem americana, Chateaubriand comunga com as origens. Se, mais adiante em sua vida, os vestígios humanos, as ruínas iriam constituir-se em componente essencial de seus quadros, o certo é que, a essa altura e sem pretensões a qualquer tipo de realismo objetivo, já identifica o estado de alma do contemplador com a coisa contemplada. E, para apreender o segredo do mundo circundante, detém-se ante o silêncio dos desertos, sua imensidão, seu isolamento:

Le voyageur s'assied sur le tronc d'un chêne pour attendre le jour [...]: il est seul au fond des forêts, mais l'esprit de l'homme remplit aisément les espaces de la nature, et toutes les solitudes de

la terre sont moins vastes qu'une seule pensée de son cœur (Chateaubriand, 1966, p.316).

Projeta-se, para além do real, um sentimento poético da paisagem que Chateaubriand soube orquestrar com maestria e foi uma das causas de seu fascínio para nossos românticos. O Alencar das *Cartas sobre 'A Confederação dos Tamoios'* nele reconhecia o modelo da poesia americana não só para a representação dos selvagens como para a descrição de cenas da natureza.

Quanto a escrever uma epopéia cujo herói fosse o índio, a mal sucedida tentativa de *Les Natchez* demonstra a inviabilidade do propósito. Tomando esse livro e *Atala*, seria lícito dizer que o selvagem de Chateaubriand é, ao mesmo tempo, o pior dos homens, para o que contribuem os vícios dos brancos, e o melhor, quando concilia as virtudes da vida natural e da vida civilizada. Seguindo uma de suas fontes, o jesuíta Charlevoix, Chateaubriand cria em *Atala* uma pequena comunidade católica à imagem das Missões do Paraguai. É, aliás, o pretexto para longa digressão em defesa de uma inocência natural protegida e corrigida por um cristianismo generoso. De qualquer modo, sobre todos esses indígenas paira a ameaça de destruição. O ímpeto da implacável colonização não oferece saída alguma. A guerra, o comércio, a bebida, aniquilam os selvagens incautos. E, apesar de Chateaubriand culpar, sobretudo, os ingleses protestantes por esse extermínio e aventar a hipótese de

que franceses católicos poderiam ter obtido outros resultados, seus índios atestam que, nefasta, é toda religião mal compreendida, toda interferência nas crenças e costumes originais. Quanto à superioridade francesa, nada corrobora a idéia. Muito pelo contrário, é a um francês, o desterrado René que se deve a transmissão da moléstia maior da civilização, a que o próprio Chateaubriand não conseguiu escapar e na qual uma leitura mais recente vislumbraria um dos estigmas da modernidade: o tédio da existência, o vazio das paixões, a insatisfação. “*René troublait tout par sa présence: les passions sortaient de lui et n’y pouvaient rentrer; il pesait sur la terre qu’il foulait avec impatience, et qui le portait avec regret*” (Chateaubriand, 1969, p. 375).

A América é, enfim, uma terra devastada cujo destino se perdeu, um destino potencialmente viável sem a intervenção do branco: “*Une civilisation d’une nature différente de la nôtre, aurait pu reproduire les hommes de l’antiquité, ou faire jaillir des lumières inconnues d’une source encore ignorée*” (Chateaubriand, 1969, p.857-858).

Mas isso fica no domínio da conjectura. Chateaubriand, de fato, acaba por renegar o princípio da bondade natural, para ver no homem uma tendência inevitável e positiva de ascensão, mesmo que dolorosa para alguns (1991, II, p.938-939). Sua tese da perfectibilidade distingue-se, pois, daquela de Rousseau para quem a mudança depende, em suas conseqüências, de várias circunstâncias, podendo ser um bem ou um mal (1965, p.58).

Politicamente, o exemplo americano não o convence. Por fidelidade ou conveniência, há de renunciar às antigas inclinações republicanas e aderir à monarquia até que, no fim da vida, admitirá o declínio próximo desse regime e o advento da democracia (1991, II, p.918). Mas a perspectiva de um futuro de grande progresso material e moralmente frágil o inquieta sobremaneira.

Na obra, enfim, os vestígios da América idealizada antes da viagem concentram-se no sentimento da natureza onde se expande o devaneio. Sobretudo, trata-se de estado de alma que se compraz em um espaço vazio de humanidade, suscetível de acolher a angústia existencial daquele que se julgava o exilado, o sobrevivente de um mundo ultrapassado. A imagem de uma América em vias de desaparecer e de outra em formação cristaliza-se nas últimas linhas do prefácio a *Voyage en Amérique*:

...je viens me ranger dans la foule de voyageurs obscurs qui n'ont vu que ce que tout le monde a vu [(...)] ; mais je me présente comme le dernier historien des peuples de la terre de Colomb, de ces peuples dont la race ne tardera pas à disparaître ; je viens dire quelques mots sur les destinées futures de l'Amérique, sur ces autres peuples héritiers des infortunés Indiens ; je n'ai d'autre prétention que d'exprimer des regrets et des espérances. (1969, p. 664).

Para o viajante em busca do passado da humanidade, ficaram tão somente as criaturas de sua imaginação, sombras distantes dos selvagens em extinção, envoltas na melancolia incurável de René, personagem e autor.

Ferdinand Denis (1798-1890) esteve no Brasil de 1816 a 1819. Leitor ávido de relatos de viagem, sonha em conhecer as florestas americanas e os campos da Índia, o Ocidente e Oriente. Nesse prestígio das terras longínquas, subsiste o mito não tão remoto do enriquecimento fácil e, quando Denis embarca no Havre, a ambição de assegurar o conforto de sua família empobrecida pela revolução e sempre em dificuldades, não é das menores motivações.

Como Chateaubriand, regressará sem dinheiro; como Chateaubriand, a experiência da viagem o marcará de modo indelével. Não era, porém, um gênio. A natureza dos trópicos, a ação predatória do colonizador e as perspectivas que se abriam para um povo em vias de conquistar a independência - não bastavam para convertê-lo de simples viajante em escritor inspirado. Seria um erudito, um polígrafo, com raros lampejos criativos. Ou melhor, seria tudo isso e, para nós, brasileiros, o mediador por excelência de uma aproximação com a França.

Na copiosa produção de Denis, sobrecarregada de informações científicas ou pretensamente tais, fruto de observação e leitura, avulta aquela sobre o Brasil. Três características vão marcá-la, permitindo reconstituir uma visão da América bra-

sileira. A primeira é uma proposta aos poetas franceses para que se renovem, inspirados na natureza e no homem dos trópicos; a segunda reside no conselho aos brasileiros para que recusem a mitologia e alimentem-se da própria realidade, explorando as tradições do país e as cenas de sua natureza; a terceira resume-se especialmente em um texto de ficção que ilustra as idéias de Denis.

As *Scènes de la nature sous les tropiques* (1824), o *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826) e *Les Machakalis* (1824) - formam esse tripé no qual a exuberância da natureza, o entusiasmo pelas virtualidades da literatura brasileira, o interesse pelos povos colonizados e exterminados traduzem uma simpatia que eventuais restrições ao país não conseguem abater. De qualquer modo e apesar de tudo, as expectativas de Denis foram satisfeitas: a América efetivamente trouxe-lhe uma notoriedade que a França jamais lhe concedeu ou concederia. Sainte-Beuve, ainda que tivesse recebido benevolmente as *Scènes*, compôs um retrato impiedoso de Trepidans, ridicularizando-o como intelectual e como homem (Moureau, 1926). Em compensação, o imperador Pedro II vai visitá-lo em Paris (Denis, 1970, p.IV)¹.

Na recepção crítica brasileira, *Les Machakalis* não teve a mesma repercussão do *Résumé*, cujas teses embasariam o artigo de Magalhães no primeiro número da *Niterói*, ou das

¹ Na tradução em português, a indicação é 1979, p.XI.

Scènes como um todo onde, aliás, a novela está inserida (capítulos XVIII e XIX). Considerada por Antonio Candido, a “primeira tentativa de ficção indianista” entre nós (1959, p. 281), viria nuançar e completar os argumentos em prol de uma literatura brasileira. Nela, articula-se uma série de relações, ponte entre o exotismo francês e o despertar da sensibilidade naqueles que acabam de atingir a maioria da autonomia política. Narrativa modesta, não será uma epopéia como *Les Natchez* quis ser. Por ela desliza, contudo, o vulto de Chateaubriand, presença e autoridade inequívocas. O texto, parco em recursos estilísticos, muito preso a esquemas ultrapassados, vale pelo que é: a tímida comprovação das possibilidades de um assunto que a outros competiria desenvolver em obras verdadeiramente literárias.

O enredo mostra, em primeiro plano, à semelhança d’*O guarani*, o amor impossível de um índio por uma mulher branca. Como cenário, o confronto entre o conquistador e o autóctone. De maneira singular para um relato indianista, a questão do bom selvagem e a discussão acerca da necessidade de progresso mal se colocam. Vai-se direto à pergunta crucial: a civilização teria o direito de suprimir a tranqüila despreocupação da vida primitiva? A desgraça do selvagem, acusa o narrador de Denis, é responsabilidade do branco, nada a atenua, nem a religião posta a serviço de uma cupidez desenfreada. Nesse caso também, a morte ou o desaparecimento paulatino das tribos, que não conseguem integrar-se, expressam a sorte inevitável do mais fraco. Como em *Atala*, insinua-se que a miséria encontra-

ria solução na agricultura. Não se trata, porém, de pagar por ela o preço da conversão exigido nas Missões. Na verdade, Chateaubriand defendia a experiência jesuítica e, com ela, pelo menos um tipo de catequese. Em Ferdinand Denis, o propósito é desinteressado. O interlocutor do chefe indígena lembra-lhe, bem à maneira dos fisiocratas do século XVIII, que o trabalho redime moral e materialmente. Nada mais.

...et je m'efforçais de lui persuader qu'il pouvait encore goûter quelque bonheur sur la terre, en cherchant à faire celui de ses Indiens qu'on verrait bientôt dispersés comme ceux des autres tribus, s'il ne les engageaient pas de nouveau à cultiver les terres qu'ils avaient abandonnées (1970, p.46)².

A América de Denis foi arrasada pela ganância. Ele não se refere àquele mal-estar da civilização, à insaciabilidade nostálgica que se aguça na incipiente sociedade moderna e que Chateaubriand anacronicamente transporta para inícios do século XVIII, época em que situa a ação de *Les Natchez*. Talvez não exatamente por insuficiência de talento, e sim pela perspectiva que assume, Denis não olha a América de longe, como se esta fosse o Outro, o Diferente, do qual extrairia, na melhor das hipóteses, emoções destinadas a enriquecer a fantasia, a acentuar o deslumbramento. O escriba se sobrepõe, então, ao gran-

² Na tradução em português de 1979, a página em questão é a 39.

de escritor. Fez sua a causa do Novo Mundo, tentando coincidir com esse Outro. Lamenta o que se perdeu, mas quer resgatar o passado, na memória literária. Sua obra pretende ser um caminho. Cultuar o índio deve ser, pois, desprezar a colonização portuguesa, reconhecer seus efeitos negativos, libertar-se. O móvel político entrelaçado ao artístico vai favorecer o nacionalismo. Para transmitir toda sua mensagem, afasta-se um tanto o mediador e deixa entrever Chateaubriand, suas lições de estilo, a fina sensibilidade, imprescindíveis enquanto padrão artístico, enquanto meta a ser alcançada.

Esse europeu que se tornou tão próximo, é aquele, entre poucos, aberto ao diálogo. Não imagina a América, procura vivenciar seus problemas, debatê-los com os brasileiros, propor novos rumos. A viagem de Denis atualiza-se não somente nos seus livros; segue adiante, introduzindo na ex-colônia a semente fértil da renovação.

Maria Cecilia de Moraes Pinto
FFLCH – USP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959, v. I.

CHATEAUBRIAND. *Génie du christianisme*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966, t. I.

_____. *Mémoires d'outre-tombe*. Paris: NRF/Gallimard, 1991, 2t.

_____. *Œuvres romanesques et voyages*. Paris: NRF/Gallimard, 1969, t.I

DENIS, Ferdinand. *Les machakalis*, édition critique avec introduction, appendice et index para Jean-Paul Bruyas. Aix-en-Provence: La Pensée Universitaire, 1970 (tese mimeografada). A edição em português tem por título *Os maxacalis*, trad. Maria Cecilia de Moraes Pinto. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

MOUREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques. *Revue d'histoire littéraire de la France*. Paris: 1923, p.530-564.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité*. Paris: Gallimard, 1965.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres*. Paris: Seuil, 1989.